

X

AS PRETENSÕES CATÓLICAS

Acha possível e, sobretudo, conveniente que a Igreja volte a sagrar o chefe do Estado no Brasil?

Em caso afirmativo, a qual igreja caberia essa função?

Deverá o poder da Republica receber a sagrada de todos os cultos?

As perguntas acima revelam o assunto palpítante dos interesses inferiores da igreja de Roma na America do Sul, mormente no Brasil, segundo as nossas considerações em anterior comunicado.

Motivam-nas algumas declarações, feitas ultimamente por um padre católico, considerando a "origem divina do poder sobre a terra", tentando reconduzir o Estado ás antigas bases absolutistas e teocráticas.

Decididamente, a igreja não esconde o seu propósito de escravizar ainda as conciências humanas, e com os seus continuados pruridos de hegemonia sobre todos os outros cultos, revela suas fundas saudades do Santo Ofício, para algemar o pensamento dos homens ás enxovias dos seus interesses.

Em pleno século XX, fala-se na necessidade de

se dilatarem os crimes dos pais, dos esposos, dos irmãos; preconiza-se a devassa das instituições, dos lares e das conciências. Não será surpresa para ninguem, se os padres católicos exumarem amanhã, das cinzas da Idade Média para os dias que correm, o célebre Livro das Taxas, do tempo de Leão X, em que todos os preços de perdão para os crimes humanos estão estipulados.

O culto religioso e o Estado

A evolução dos códigos políticos da America do Sul deveria merecer mais respeito por parte dos elementos que se acham sob as ordens do Vaticano.

Falar-se em sagradação do chefe do Estado, pela igreja romana, aliando o direito divino ás obrigações políticas, depois de tantas conquistas sociais da República, seria quase uma infantilidade, se isso não representasse algo de perigoso para os proprios códigos de natureza política, do país.

Nenhum culto que se prenda a Deus pela devoção e por determinados deveres religiosos, tem o direito de interferir nos movimentos transitorios do Estado, como este último não tem o direito de intervir na vida privada da personalidade, em materia de gosto, de sentimento e de conciência, segundo as velhas fórmulas do liberalismo. Ha muito tempo, os fenomenos do progresso político dos povos prescreveram essas nefastas influências religiosas sobre a política administrativa das coletividades.

Sempre com Cesar

Já o proprio Cristo asseverava nas suas divinas lições: — “A Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.”

Mas, a igreja católica romana jamais ocultou sua preferencia pela amizade de Cesar.

Os tempos apostólicos, que ainda iluminam o coração da humanidade sofredora, até os tempos modernos, pela sua união com o Evangelho, fôram muitos curtos. Não tardou que a organização dos bispos romanos preponderasse sobre todos os núcleos do verdadeiro Cristianismo, sufocando-os com as suas fôrças temporais. Inventaram-se todas as novidades para o ideal de simplicidade e pureza de Jesus e, desde épocas remotas, o catolicismo é bem o retrato do farisaísmo dos tempos judaicos, que conduziu o Divino Mestre á crucificação. Amiga dos poderosos, em todos os tempos, bastilha do pensamento livre da humanidade que tentou a civilização cristã, é talvez, por esse motivo, que a igreja pela voz dos seus teólogos mais eminentes, procurou sempre revestir o poder transitorio dos felizes da Terra com um carater de divindade. Batida pela demagogia cética de todos os filósofos e cientistas que seguiram no luminoso caminho das concepções liberais, retirada da sua posição de opressora para se transformar em instrumento humilde de outros opressores das criaturas humanas, a igreja, na sua assombrosa capacidade de adaptação, esperou pacientemente outras oportunidades para a reaquisição dos seus poderes e de suas tiranias e as encontrou dentro da mística do estado totalitário.